



LETRAS E TRETAS: A CRÔNICA DA FUZARCA *

Por Eduardo Granja Coutinho**

* Este artigo retoma, com alterações de estilo, questões trabalhadas no livro *Os cronistas de Momo: imprensa e carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

** Professor adjunto do Departamento de Fundamentos Teóricos da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou os livros *Velhas histórias, memórias futuras: o sentido da tradição na obra de Paulinho da Viola* (EdUERJ, 2002), *Os Cronistas de Momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República* (Editora UFRJ, 2006) e *Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*, org. (Editora UFRJ, 2008).

Os senhores não imaginam com que vontade estamos nós aqui de quebrar a pena, o tinteiro e correr para lá, metermo-nos entre a multidão e gozar, gozar...
Gazeta de Notícias, 26 fev. 1906

ABSTRACT

Among so many mediators that have contributed for the transformations of popular Carnival, which was marginalized and withdrawn from the representation of the Brazilian nationality, carnival essayists stand out. It is due to their insertion in entertainment industry, their personal will to make carnival more recognized, they were very much responsible for the formation of the national-popular culture.

Diz-se, e com certa razão, que Momo morreu. O Carnaval carioca já não desperta a paixão popular como no passado. O riso, a paródia e o espírito irreverente perderam a centralidade na festa e quase já não estão presentes em sua cobertura midiática - tão preocupada com o luxo e o erotismo estereotipado do espetáculo. Com a morte, ou melhor, com a perda do vigor ritual e comunitário do "soberano da folia", desapareceram os seus mais ilustres cortesões: os cronistas carnavalescos, que o adoravam nas ruas e o reverenciavam na grande imprensa. Este artigo pretende lançar alguma luz sobre a importância histórico-social desses repórteres e de sua atividade como mediadores no conflito de classes subjacente ao processo de formação da cultura de massa no Brasil.

Nas primeiras décadas do século XX, havia na imprensa carioca uma seção inteiramente destinada ao noticiário carnavalesco. Assim como hoje existe uma seção policial, uma seção de esportes, uma seção teatral, havia no passado uma coluna dedicada ao setor recreativo e carnavalesco. Naquele tempo, a cobertura do Carnaval iniciava-se bem antes dos chamados "três dias gordos" e se prolongava até abril, maio, num espaço designado como "Ecos do Carnaval" ou "Ecos

de Momo".

Cada jornal tinha o seu repórter especializado (às vezes vários) que, a partir de dezembro, fazia a cobertura dos folguedos momescos em suas diversas manifestações - grandes sociedades, ranchos, blocos, cordões, bailes, corsos, batalhas de confete, coretos nos bairros, escolas de samba etc. Este repórter que, além de escrever sobre o carnaval, organizava e participava apaixonadamente da folia, era o que se chamava então um "cabra escovado", um "folião de quatro costados", um homem da "fuzarca". Era alguém que tinha um pé na imprensa, isto é, no mercado, na nascente indústria dos bens simbólicos e o outro, nas ruas, nos terreiros, na cultura popular comunitária. Era um mediador entre o universo cultural das elites e o das massas.

Sua coluna, capaz de aumentar extraordinariamente a tiragem do jornal, teve um papel importante na transformação do carnaval popular - reprimido no início do século - em expressão da nacionalidade brasileira. Como meio e mediação cultural, a crônica carnavalesca garantiu às formas de divertimento do "populacho" um espaço livre da perseguição policial, dando voz a um grupo social marginalizado, ao mesmo tempo em que enquadrou a festa popular no projeto civilizatório das elites, organizando e

disciplinando as formas explosivas de divertimento das massas urbanas.

Para se entender o significado da crônica carnavalesca na história da cultura brasileira, é preciso contextualizar historicamente o carnaval no qual militavam estes cronistas como jornalistas e foliões - o carnaval da crônica.

A crônica e o advento do nacional-popular

Ao longo da República Velha, o povo não apenas permaneceu ausente dos processos decisórios, sem direitos básicos de cidadania, como teve suas formas de expressão artísticas, lúdicas e religiosas duramente reprimidas. ("Samba, negro, forte, destemido, foi duramente reprimido nas esquinas, nos botequins e no terreiro...") O poder do Estado atuou no sentido de sufocar as manifestações populares de origem negra e de impor às massas padrões civilizatórios europeus.

Mas é interessante notar que esse povo, que assistira "bestializado" à proclamação do novo regime, "julgando ver talvez uma parada militar"¹, não se conformou em assistir passivamente aos préstimos aristocráticos das grandes sociedades carnavalescas: sentiu-se no direito de ocupar o espaço público com suas rodas de samba, forrobodós e folguedos carnavalescos. Foi, ao menos

nesse campo, protagonista dos acontecimentos; lutou contra a tirania oligárquica pela liberdade da festa, da "orgia", dos dias gordos.

Diante da repressão policial, o povo desenvolveu uma estratégia de abertura de espaços pela interação, pela sedução (a cultura popular buscava se legitimar assimilando formas e conteúdos dominantes). Dessa maneira, os cordões, blocos e ranchos carnavalescos conquistavam, pela força da festa, pelo jogo, pelo encantamento, aquilo que a República não havia outorgado aos proletários - escravos, brancos pobres, imigrantes -, um lugar na sociedade civil.

Se os grupos dominantes pudessem, teriam simplesmente apagado a cultura popular, pois esta impunha obstáculos simbólicos à dominação. Mas como esse apagamento da memória popular não foi possível, as elites trataram de incorporar a cultura da plebe, buscando esvaziá-la de seu significado marginal, contra-hegemônico. Na realidade, para os grupos dominantes, fracassada a estratégia da repressão, não havia senão domesticar o que irrompia de forma "selvagem", ressignificar as tradições que carnavalizavam a verdade burguesa, em suma, assimilar o popular como fundamento da nação.

Muitos foram os mediadores res-

1. Aristides Lobo apud Carvalho, 2004, p. 9

ponsáveis pela negociação de um novo modo de existência da cultura popular: as próprias lideranças populares (Tia Ciata, Hilário Jovino, Paulo da Portela), defendendo o fim do preconceito contra a cultura negra; músicos como Catulo da Paixão Cearense, levando as sonoridades populares para os salões da burguesia; personalidades das elites, freqüentando os sambas e terreiros ou admitindo em suas residências os músicos e a música do povo. Emblemática dessa atitude foi a execução, em 1914, do "Corta-jaca" de Chiquinha Gonzaga por Nair de Tefé, esposa do presidente Hermes da Fonseca, no Palácio do Catete. Rui Barbosa, que criticou veemente o recital, receberia pouco depois o violonista João Pernambuco em sua residência. Afonso Arinos não apenas recebeu, como também freqüentou uma espécie de república onde moravam João Pernambuco, Donga e Pixinguinha. Esses mesmos músicos formaram o grupo Os Oitos Batutas, que, tocando no Cine Palais em 1919, chamou a atenção do milionário Arnaldo Guinle, que financiou apresentações do conjunto em lugares chiques, incluindo uma viagem a Paris em 1922. Começam o violão, o pandeiro, o tamborim, a modinha, o choro, o samba, o cordão, o rancho, os blocos a adentrar a avenida, os salões, os teatros, a indústria fonográfica, a cultura das

camadas médias e altas.

Dentre tantos mediadores que de alguma forma contribuíram para a transformação do Carnaval popular, marginalizado e reprimido em expressão da nacionalidade brasileira, sobressai-se com grande destaque o cronista carnavalesco. Pelo próprio lugar que ocupa na indústria do entretenimento, pela sua inspiração pessoal de levar o Carnaval que considera o melhor e mais alegre da cidade para o reconhecimento do espaço público, foi ele um dos principais responsáveis pela construção disso que conhecemos como cultura nacional-popular. De fato, quem militou na imprensa a favor do "pequeno Carnaval", foi Vagalume, Peru dos Pés Frios e os cortesões de Momo, que, ao mesmo tempo em que organizavam coretos, concursos e batalhas de confete, escreviam crônicas sobre o Carnaval do povo, levando a cultura das ruas para dentro dos lares burgueses.

Proveniente das camadas baixas e afetivamente ligado ao universo do samba, do maxixe, dos ranchos e dos terreiros, esse jornalista boêmio era, como se dizia então, um "denodado servidor de Momo". Na verdade, servia ele a Momo e ao dono do jornal em que trabalhava, dando cobertura às renegadas tradições populares, ao mesmo tempo em que as enquadrava no projeto civilizatório das

elites. O cronista dessa festa transicional era um agente do consenso, um tipo ambíguo que, divertindo-se e fazendo rir, prestava serviços a sujeitos diferentes, como o personagem da commedia dell'arte, Arlequim, "servidor de dois amos".

Para informar os seus leitores a respeito do chamado "tríduo momesco", o cronista folião valia-se da linguagem do próprio Carnaval, marcada pela plurivocidade de sentidos, pelo jogo de palavras, pelo nonsense. Uma linguagem suficientemente referencial para orientar, disciplinar e aparar as arestas das formas explosivas de divertimento das massas urbanas, mas que, em sua ambigüidade, dava voz a um grupo que nunca tivera espaço na imprensa, na literatura ou na política, garantindo-lhe uma espécie de cidadania foliã. Daí, talvez, a existência, naquele Carnaval - marcado pela espontaneidade, pelo humor, pela irreverência e pela crítica (ainda que limitada) - de um entusiástico culto a Momo, tido como "o único soberano verdadeiramente democrático".

Entre a informação e a pilhéria

O conteúdo da crônica, como observou Jota Efegê, era tudo o que dizia respeito ao "recreativismo dançante e ao setor foliônico da cidade". Mas sob que

forma se apresentavam as colunas dedicadas ao Carnaval?

Em primeiro lugar é preciso deixar claro que o termo crônica não se refere apenas ao gênero literário/jornalístico, mas também ao conjunto das matérias que compõem o noticiário relativo ao Carnaval. Noticiário cujos textos, do ponto de vista da linguagem, poderiam ser, esquemáticamente, divididos em duas categorias: a dos textos sérios, opinativos, referenciais ou estritamente informativos, e a dos textos mais ou menos literários, vazados numa poética carnavalesca.

Encontram-se na categoria dos textos meramente informativos pequenas notas sobre os desfiles das sociedades; chamadas para os bailes nos clubes e batalhas de confete; registros de fundação de blocos e ranchos, incluindo a composição de sua diretoria; anúncios de medidas policiais; regulamentos de concursos etc. Preocupadas muito mais com o contexto (aquilo de que se fala) do que com o texto (a própria mensagem), notícias como esta ocupavam parte significativa da seção carnavalesca:

"Estará hoje repleta a elegante casa de diversões que Pascoal Segretto teve a boa idéia de fundar, pois, além de grandioso espetáculo variado, haverá esplêndido baile veneziano"²

2. Moulin Rouge.
Correio da Manhã,
10/2/1907

Mesclando informação e opinião, havia textos sérios condenando determinadas práticas populares, invocando medidas policiais, propugnando por uma festa disciplinada e "civilizada", tudo isso numa linguagem oficial, nada carnavalesca. Sob essa forma manifestava-se a faceta repressiva das colunas de Momo. Esses textos se assemelhavam mais a editoriais do que a crônicas, no que diz respeito à forma:

O serviço de policiamento, reforçadíssimo, tem corrido bem, dando excelentes resultados. Na calçada fronteira ao País, ponto preferido para as selvagens brincadeiras de grupos e "monômios", formados para empurrar e contundir todo o mundo, um capitão com um cordão de praças de polícia conseguiu perfeitamente evitar cenas que nos outros anos foram freqüentes e desagradabilíssimas. Continue a proceder assim a polícia. Essas estúpidas brincadeiras são indignas de uma cidade culta.³

Mas a graça da crônica estava naquela categoria de textos que utilizavam uma linguagem carnavalesca - o linguajar dos foliões -, com paródias, trocadilhos, jogos de palavras, gírias, chistes e expressões populares. Diferentemente das matérias opinativas ou meramente informativas, que revelavam distan-

ciamento em relação à festa, tais textos de caráter jornalístico-jocosos informavam ao mesmo tempo em que divertiam e faziam rir, expressando o mais característico humor carioca. Essas matérias assumiram formas as mais variadas: pequenas notas, pufes, sueltos (tópicos, pequenos comentários), reportagens, entrevistas (uma novidade do início do século XX), poemas e crônicas propriamente ditas. Eram, freqüentemente, acompanhadas de fotos, charges e caricaturas. Começamos pelas pequenas notas que, embora tivessem como objetivo informar, faziam-no por meio de uma linguagem característica, aparecendo como uma fala do Carnaval, como se pode verificar nestes dois informes:

O sr. J. B. da Silva, o Sinhô, ou melhor, o Rei do Samba, em nome do seu grupo Fala meu Loro... oferece no próximo domingo um soberbo *pic-nic* ao nosso companheiro sr. capitão Francisco Guimarães, o "Vagalume", pelo grande sucesso da *Mi-carême do Jornal do Brasil*. O *pic-nic* será na Caixa d'Água da Gávea e o mastigo de sustância será um cozido "baita".⁴

O Grupo dos Camaradões, cuja popularidade vai, dia a dia, ganhando terreno no mundo que se diverte, realiza hoje, no Castelo, mais um grande baile como medida contra o desenferrujamento das gâmbias.⁵

3. Carnaval. *O País*, 15/2/1915

4. Carnaval. *O País*, 15/2/1915

5. Ecos do Carnaval. *Jornal do Brasil*, 6/3/1920

Maiores do que as notas, mas não tão extensas quanto as crônicas, eram os *sueños* e as *crônicas* - pequenas narrativas do cotidiano carnavalesco, referidas ao contexto, mas que revelavam uma preocupação com o estilo, com a poética, com a forma da mensagem. Forma esta que, adornada pelos gracejos das ruas, refletia o espírito festivo e carnavalesco de uma época. Trata-se de uma graça muitas vezes datada, espécie de humor à clef, compreensível apenas para os contemporâneos, como neste trecho:

6. Indiscrições.
Jornal do Brasil,
25/1/1920

7. Grupo das
Sabinas. *Jornal do
Brasil*, 1/3/1920).

O Carnaval dos ranchos fica cada vez mais encarecido. Se bem que o pessoal do Recreio das Flores garanta a vitória, esta parece que não será obtida com tanta facilidade como se pensa.

Há quem esteja na tocaia (sem alusão) vendo em que param as modas, para, depois que a festa acabar, soltar os seus foguetes e exclamar:

- Chora, Simão! (Também sem alusão.)

O pessoal do Catete e das Laranjeiras está moita e o Carnaval daquela gente - é um pão com formiga.

Se o pessoal do Catete não faz questão de quantidade e sim da qualidade, o das Laranjeiras exclama:

- O que vier morre! ⁶

Os pufes, cultivados pelos jornaiz-

nhos dos clubes, também foram peças importantes das seções carnavalescas da grande imprensa. Nessas criações literárias em verso e prosa, as agremiações faziam apologia de si mesmas, provocavam-se umas às outras, descreviam seus préstitos crítico-alegóricos, sem maiores preocupações de informar objetivamente, sempre numa poética cômica e burlesca, como neste do Grupo das Sabinas, convocando para "monumental e pantagruélica feijoada e completo forrobodó baile":

Camaradas! Voltamos à liça porque gostamos! E quem não há de gostar do que é bom? [...] Quem pode não gostar do sapecado de um maxixe choroso como só nós sabemos promover? Ninguém! Não nos iludimos! [...] A razão está só conosco, sabinas danadas que, na hora das coisas, são tudo o que há de mais completo na zona carnavalesca. ⁷

Embora fossem mais comuns na virada do século, quando as grandes sociedades eram ainda o principal objeto da crônica, nos anos 1920 e 1930 ainda se podiam ler extensos pufes, publicados como matéria paga, com ilustração e diagramação características:

Camaradas e camaradas:
No policrômico e arco-irisado

despontar da aurora boreal da grande e sintomática hiperneurastênica folia carnavalesca; quando, nos cabeços da amurada do mundo, começam a ouvir-se os ruídos harmoniosos das trombetas da alegria, avisando-nos de que se aproxima a quadra rósea e feliz do CARNAVAL

Ditosas setenta e duas horas do mais intenso e consolador fruir de mágicos e demorados prazeres; nós, os destemidos

ZUAVOS

Comparecemos, prestos e disciplinados, para concorrer às justas homenagens de que se torna alvo, em período ânua, o imperador da troça, adorado repúblico da verve!

VIVA MOMO!!! EVOÉ!

CARNAVAL!!!

SALVE PROSÉRPINA!!! ⁸

Nessas brincadeiras literárias, carregadas de neologismos e adjetivos esdrúxulos (e esdrújulos), os bailes eram "bolináticos" e "sudoríficos"; os mastigos ou bródios (comedorias) eram "hidrométricos", "rataplânicos" e, frequentemente, "piramidais". Usava-se e abusava-se de citações latinas e expressões francesas, muito em voga, aliás, no jornalismo da nossa *belle époque* - *bal masqué, à visage découvert, féerie, demi-mondaines, haute-gomme*. O "franciú" era, de fato, correntio, ainda que "estropiado, arbitrário, bem sobre o caçanje, mas dando a nota do chiquismo", como lembra o cronista Jota Efegê, ele

próprio um francófono. ⁹

Herdeiros da literatura cômica medieval em suas diversas formas - o macarrônico (mistura do latim com a língua local), o sermon joyeux (paródia de textos religiosos), o triolé (forma poética com repetição de versos propícia ao humor carnavalesco), o *coq-à-l'âne* (nonsense cômico), a fatrasie (poesias formadas por rimas que não tinham nenhuma relação de sentido) e toda sorte de gêneros disparatados, absurdos, que no Brasil vieram a se chamar de bestialógicos -, os pufes, segundo Tinhorão, atualizaram, nos séculos XIX e XX, a tradição da linguagem popular carnavalesca tão bem representada nas crônicas de Gargântua e Pantagruel, escritas por François Rabelais no século XVI.

Curiosa vinculação com quase quatro séculos de distanciamento a evidenciar-se de forma clara, por exemplo, na idêntica preocupação com os trocadilhos (tão caros aos rhétoriqueurs franceses) e a criação de superlativos (arquiestupendo, arquidinâmico) capazes de transformar o curso com automóveis numa "automovílica passeata", o almoço alegre num "regobolífico cozido", e a fazer os bailes do clube oscilarem entre o "repimponético", o "psicométrico" ou o diabólico, doudivanesco e estonteante ¹⁰

A grande crônica pantagruélica de

8. (Zuavos Carnavalescos. *Jornal do Brasil*, 2/2/1919).

9. Jota Efegê, 1982, p.155

10. Tinhorão, 2000, p.99
11. 1991, p. 82
12. Carnaval. *Jornal do Brasil*, 4/2/1907
- Rabelais - carnavalesca, no sentido de incorporar a linguagem da praça e o espírito do Carnaval - está cheia desses jogos de palavras e neologismos. Veja-se, por exemplo, a passagem de Pantagrue que se refere à renovação dos antigos costumes nupciais de se travar uma grossa pancadaria após o casamento:

A recém-casada ria chorando, chorava rindo, queixando-se de que o chicano não se contentara em bater sem critério na escolha dos membros, mas a havia rudemente descabelado, e fortemente trepinhemampenilorifrizonufressurado as partes vergonhosas traiçoeiramente.¹¹

No Brasil, essa tradição medieval, que nos teria chegado, segundo Tinhorão, pela leitura daqueles gêneros cômicos pelos redatores dos jornaizinhos carnavalescos, é matizada por outras tradições, sobretudo pela cultura popular afro-brasileira, com sua alegria característica. Assimilada pelos cronistas no convívio com as pequenas sociedades - o "povo da lira" -, a linguagem cômica, malandra e muitas vezes pernóstica do homem do povo acaba se tornando uma das formas dominantes na crônica da folia. A crônica a seguir exemplifica a mistura de linguagens, estilos e tradições que tem lugar no Carnaval carioca e em sua expressão

jornalística:

O Zé da Lira, rapaz escovado e todo serelepe, que dá a nota em todo o movimento do saracoteio empavonado e trepidativo, informou-nos ontem do estado de assanhamento que vai pelos arraias de Momo. - Ah! Seu Cutuba, dizia ele, não pode fazer uma idéia desmaiada do que vai ser essa patuscada. O moçame está grelando todo na hora pra ver a figuração reboiativa do passo do siri sem unha! Os clubes estão pipocando sem água fervendo. É cada bolha de entusiasmo que até nem sei como reparar! Nos sobrados já estão as críticas pintadas, os zabumbas já berram o zé-pereira desenfreado da solene mirabolância. Por toda a parte o bolo está quentinho. Só se ouve dizer: - Gentes, não posso comer sem molho! E os cordões. Chi! As pernas. Ah!, as pernas sentem formigueiro miúdo em cócegas tremeliquentas; até parece que tudo é cousa elétrica! Ah Vai ser um banzé de cuia de arrefestelar o mais sorumbático mortal. Vai ser só o nefelibatismo gostoso da versalheira maviosa, rebombando em eco clangoroso com toda a força sonora da acústica ultracarnavalesca.¹²

A linguagem empolada dos políticos, o discurso marcial dos militares, a fala mística dos religiosos, a mitologia greco-romana (cultivada pelos homens de letras no início do século XX, sobretudo pelos poetas parnasianos), a fraseologia

dos artigos de fundo dos jornais, o beletismo e a grandiloquência da literatura em suas diferentes correntes - romantismo, parnasianismo, naturalismo, arcaísmo -, todos esses textos serviram para vestir os pastiches, as paródias, os gracejos dos carnavalescos nas redações.

Dentro da seção carnavalesca, a crônica *stricto sensu* era, juntamente com os pufes, a sua parte mais literária, a forma que, por sua liberdade criativa, melhor transpunha o sistema simbólico do Carnaval para a literatura. Assumindo o aspecto de um pequeno conto, redigido de forma livre e pessoal, na crônica os repórteres boêmios caprichavam na graça e no estilo, dando expansão à sua verve cômica e à sua versatilidade, como nesta prosa rimada do cronista Arlequim:

Falta pouco, minha gente - nove dias tão-somente - para a loucura infernal dos legionários de Momo. Eu já não bebo, não como, pensando no Carnaval.

Brinca, leitor, e tolera que a mulher brinque - pudera! -, nisto a vida se resume. Este ano a coisa promete: vai haver muito confete e muito lança-perfume. Veste uma roupa casquilha no teu rapaz e na filha. Vem pro meio do vulcão! Pular, gritar na avenida. Tudo ao pagode convida. Anda, não sejas poltrão! Quero te ver rodopiando nos bailes, rindo, dançando, meu leitor - aproveitemos! As pequenas são

ferozes... É melhor Deus nos dar nozes enquanto dentes nós temos... Alguns namoricos debes arranjar, leitor, tu debes, que eu, velho camaradão, irei procurar os meus. Quem é tolo pede a Deus... Tu conheces o rifão. Se querendo, homem correto, toma o mais severo aspecto, no meio dessa alegria - vai com a mulher, os filhinhos, mais a sogra aos cavalinhos, mas isso tudo... de dia. Depois que a esposa deixares, no mais discreto dos lares, que é o teu, hás de voltar à cidade e então, amigo, poderás contar comigo, vamos aos bailes dançar. Para alegrar a vidinha, vê se arranjas uma zinha, que esteja mesmo na conta... que eu terei por companheira uma que é portabandeira de um bloco que está na ponta. Falta pouco, felizmente, nove dias tão-somente - para a loucura infernal dos legionários de Momo. Eu já não bebo, não como, pensando no Carnaval.¹³

13. A de hoje.
Correio da Manhã,
6.2/1920

A representação do Carnaval pela imprensa no início do século XX, ao contrário do que ocorre hoje, não se poderia dar por meio de uma narrativa distanciada, objetiva, estritamente jornalística. Tendo a festa um caráter transicional, visto que se encontrava entre o ritual e a cultura de massa, e sendo o cronista um mediador, alguém cuja posição oscilava entre o hegemônico e o subalterno, a plurivocidade de sentidos do colonismo carnavalesco deveria melhor se expressar por meio de um gênero essen-

cialmente ambíguo - a crônica.

Pode-se dizer que o que distingue essa narrativa é o seu duplo caráter - jornalístico e literário. Presa à realidade, ao factual, ao contexto objetivo, mas aberta ao lirismo, à ficção, ao devaneio, a crônica tem a peculiaridade de informar, de se ater ao contexto histórico, circunstancial, ao mesmo tempo em que joga com a linguagem e divaga livremente com graça e senso estético na apreciação de fatos corriqueiros. "A ambigüidade é a sua lei", observou Eduardo Portella.¹⁴

A crônica carnavalesca foi a representação jornalística de uma festa que tinha uma clara dimensão ritual de culto a um deus pagão - o pândego e zombeteiro Momo, filho do Sono e da Noite. Expulso do Olimpo por ridicularizar os deuses e suas obras, Momo, o "deus da burla, das críticas maliciosas e das coisas espirituosas", veio pedir asilo na folia carioca, sendo acolhido com simpatia pelos foliões da cidade e cultuado com adoração nas colunas especializadas.

Momo ocupou tanto na festa quanto no cronismo carnavalesco, um lugar insuspeitado para nós contemporâneos do carnaval espetáculo. Se hoje o riso já não se encontra nos desfiles televisivos do carnaval, nos tempos em que a crônica era inspirada pelo deus Momo, a graça - o humor - tinha primazia sobre o

luxo e era indissociável dos demais elementos da festa, manifestando-se em suas falas, fantasias, alegorias, canções e gestos. Os cronistas K.Rapeta e Rojão sintetizam em crônica exemplar o espírito do carnaval de outrora, no qual a convulsão da gargalhada confundia-se com o frêmito do prazer sensual e o tremor da multidão inebriada.

Dominando a alma sensível do carioca sempre pronto às verdadeiras dedicações e sacrifícios, mas trazendo na massa do sangue o vírus da hilaridade para tudo que é truanesco, encontrou, o velho Deus, terreno propício para sua tarefa. (...) Juntemos à alegria desses três dias o entrecocar dos corpos da multidão, como uma formidável onda, o "odor di femina", o forte perfume do éter, a floração de carnes moças algo entrevistas, com os fortes sorvos do louro néctar de Baccho, e eis a festa em seu auge.(...).

A postos velhos foliões, sem desfalecimentos, na espontânea tarefa de festejar o rei da alegria, da graça e do ruído. Evoé! Evoé! Evoé!

Pastoras lindas e juvenis, de olhos chamejantes que queimam corações, filhas gloriosas de Eva pecadora, cantai, vibraí, sacudi com alegria vossas castanholas, entando na mais embaladora canção as saudações a Momo.

Mocidade forte e gloriosa, esfuziante de vida e alegria, erguei os vossos hurrahs, entoai os vossos

14. Apud Dimas, 1974, p.49

cantos de amor com efusão, deixai correr como cristalina fonte a verve e a sátira tão naturais aos filhos desta cosmópolis. Momo é chegado. Reina a loucura e a folia. Evoé! Evoé!¹⁵

Evoé - o grito festivo com que na Antigüidade se evocava Baco nas orgias - é a interjeição que mais se ouvia nas ruas do Rio durante os três dias gordos (o "tríduo momesco") e também aquela com que freqüentemente se iniciavam as crônicas do carnaval.

Evoé !... Evoé !... Momo aí vem ! Faltam apenas quatro dias para que o adorado rei da galhofa, o estimado rei da loucura, seja entusiasmaticamente homenageado por todo o Rio de Janeiro. Vemos já o horizonte esbatido da luz afogueada dos seus mil fachos rubros [...]. É Momo que se aproxima com o seu grande cortejo de mascarados, sem esquecer Pierrô, Colombina e Arlequim
Folguemos, pois, reine a folia, impere a pândega e domine a galhofa.
É carnaval que chega....

Referências

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados. 3. ed. Rio de Janeiro: Com-

panhia das Letras, 2004.

COUTINHO, Eduardo Granja. Os cronistas de Momo: imprensa e carnaval na Primeira República. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DIMAS, Antônio. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo? *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo, v. 4, n. 12, set.-dez. 1974.

GUIMARÃES, Francisco [Vagalume]. Na roda do samba. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

JOTA EFEGÊ [João Ferreira Gomes]. O cabrocha: meu companheiro de farras. Rio de Janeiro: Casa Leuzinger, 1931.

_____. Figuras e coisas Carnaval carioca. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.

RABELAIS, François. Gargântua e Pantagruel. Belo Horizonte: Vila Rica, 1991.

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

TINHORÃO, José Ramos. A imprensa carnavalesca no Brasil: um panorama da linguagem cômica. São Paulo: Hedra, 2000.

15. "Reinado de Momo", *Gazeta de Notícias*, 22/2/1925